Coordenadoria Geral de Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa

ISSN: 3086-6553 v. 2, 2026

DOI: https://doi.org/10.68103/q2w3k857

Uso de recurso educacional aberto na formação de jornalistas no combate à desinformação

Nadia Rubio Pirillo[1]
https://orcid.org/0000-0003-2978-4753

Ana Claudia Martins Rosa[2]
https://orcid.org/0000-0003-0306-6438

Marcio Jose Celestino[3]
https://orcid.org/0000-0002-0527-5092

Resumo

A disseminação de informações falsas já acontecia antes do advento das tecnologias digitais, porém a facilidade de compartilhamento e o alcance proporcionado pelas redes contribuíram para o crescimento exponencial da desinformação. A educação midiática é uma aliada no processo de compreensão desse fenômeno e de como combatê-lo. Nesse sentido, o recurso educacional aberto Os sete erros das Fake News busca contribuir no combate à desinformação, ao associar o jogo dos sete erros à criação de notícias falsas. Este artigo analisa o uso desse recurso com uma turma do curso de Jornalismo em uma universidade comunitária no interior de São Paulo. Os resultados mostram que os estudantes do campo da Comunicação tendem a ter facilidade de analisar criticamente as informações que recebem e de checar sua veracidade. As estratégias utilizadas por eles podem ser replicadas por qualquer cidadão desde que exista uma orientação adequada e o recurso educacional pode ser uma ferramenta neste processo.

Palavras-chave: Desinformação. Alfabetização Midiática. Recurso Educacional. Análise crítica.

Use of an open educational resource in training journalists to combat misinformation

Abstract

The spread of false news already occurred before the advent of digital technologies; however, the ease of sharing and the reach provided by social networks have contributed to the exponential growth of misinformation. Media

1 Doutora. Universidade Virtual do Estado de São Paulo. E-mail: nrpirillo@gmail.com
2 Mestre. Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. E-mail: ana.mrosa@sp.senac.br
3 Mestre. Prefeitura Municipal de Sorocaba. E-mail: turismo@sorocaba.sp.gov.br

education is an ally in the process of understanding this phenomenon and how to combat it. In this regard, the open educational resource Os sete erros das Fake News aims to contribute to the fight against misinformation by associating the spot-the-difference game with the creation of false news. This paper analyzes the use of this resource with a Journalism class at a community university in the interior of São Paulo. The results show that Communication students tend to have ease in critically analyzing the information they receive and verifying its accuracy. The strategies they use can be replicated by any citizen, provided there is proper guidance, and the educational resource can serve as a tool in this process.
Keywords: Misinformation. Media Literacy. Educational Resource. Critical Analysis.

Utilización de recursos educativos abiertos en la formación de periodistas para combatir la desinformación

Resumen

La difusión de información falsa ya existía antes de la llegada de las tecnologías digitales, pero la facilidad para compartirla y el alcance de las redes han contribuido a su crecimiento exponencial. La alfabetización mediática es fundamental para comprender este fenómeno y combatirlo. En este sentido, el recurso educativo abierto "Los siete errores de las noticias falsas" busca contribuir a la lucha contra la desinformación asociando el juego "Encuentra los siete errores" con la creación de noticias falsas. Este artículo analiza el uso de este recurso con una clase de estudiantes de Periodismo en una universidad comunitaria del interior de São Paulo. Los resultados muestran que los estudiantes de Comunicación tienden a analizar con facilidad la información que reciben y a verificar su veracidad. Las estrategias que utilizan pueden ser replicadas por cualquier ciudadano, siempre que cuente con la orientación adecuada, y el recurso educativo puede ser una herramienta útil en este proceso.
Palabras clave: Desinformación. Alfabetización mediática. Recurso educativo. Análisis crítico.

Introdução

Com seu enorme potencial de compartilhamento e alcance em rede, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) tornaram-se ferramentas essenciais para a divulgação de notícias e informações. Qualquer usuário da rede pode criar mensagens e transmitir a diversos grupos, fazendo com que pessoas comuns deixem de ser apenas consumidoras para se tornarem, também, produtoras de informação.

O problema é que nem toda informação que circula na rede é, de fato, verdadeira. Embora a disseminação de informações falsas seja anterior ao uso de

tecnologias digitais, o uso dessas tecnologias tem potencializado a desinformação. Nesse sentido, diversas organizações buscam promover o combate à desinformação, a partir da educação midiática.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) é uma das entidades que tem se mostrado preocupada com a circulação da desinformação e seus efeitos na sociedade. A Unesco atua na elaboração de manuais e guias sobre a temática, como a publicação Jornalismo, Fake News & Desinformação (Unesco, 2019). Esse manual é parte da "Iniciativa Global pela Excelência na Educação em Jornalismo", que é foco do Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação (PIDC), promovido pela entidade. É um manual voltado para a educação e o treinamento em Jornalismo, que trata do tema sob múltiplos aspectos, como a transformação da indústria de notícias e o combate à desinformação por meio da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI).

Para a Unesco (2019, p. 7), o termo desinformação "é comumente usado para se referir a tentativas deliberadas (frequentemente orquestradas) para confundir ou manipular pessoas por meio de transmissão de informações desonestas". De acordo com a entidade, a disseminação da desinformação ocorre, em grande parte, pelas redes e mensagens sociais, "o que levanta a questão da extensão da regulação e da autorregulação das empresas que proporcionam esses serviços" (Unesco, 2019, p. 8).

Enquanto não há regulação, é necessário criar estratégias que possam alertar a população sobre os perigos da desinformação e destacar a importância de reconhecer informações falsas. Dessa forma, o recurso educacional aberto Os sete erros das Fake News visa contribuir para alertar os cidadãos sobre a veiculação de notícias falsas, por meio de sete itens que ajudam na identificação da veracidade da informação veiculada. O recurso simula um jogo dos sete erros, no qual o usuário precisa clicar sobre determinados elementos para saber como eles são utilizados em uma veiculação de informação falsa.

O objetivo deste trabalho é, então, analisar o uso desse recurso educacional com uma turma do curso de Jornalismo em uma universidade comunitária no interior de São Paulo, em uma estratégia didática inserida no componente curricular Análise crítica das mídias.

Para tanto, a fundamentação teórica traz o conceito de desinformação e discute os seus efeitos na sociedade, a partir de pesquisas acadêmicas que abordam essas questões. Metodologicamente, são analisados dados qualitativos obtidos antes e depois da utilização do recurso educacional aberto. Os resultados são analisados à luz do embasamento teórico, procurando trazer sugestões para aplicação desse material em contextos educacionais.

Fundamentação teórica

A democratização da informação, por meio do acesso à internet, possibilita que cada vez mais a sociedade tenha contato com diversas plataformas e conteúdos digitais, ao mesmo tempo em que possibilita que inúmeros artigos, pesquisas, notícias e fatos sejam divulgados. Porém, com o grande número de informações falsas e imprecisas circulando na rede, o cenário atual demonstra a necessidade de uma participação crítica, consciente e ética no uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC).

A desinformação é um conceito antigo, que nasce ligado a projetos militares de contrainformação e espionagem e que, atualmente, é utilizado em definições de propagação de informações falsas que visam vantagens econômicas e poder político nas sociedades (Brisola; Bezerra, 2018). Além de informações falsas, a desinformação envolve também a distorção da verdade, descontextualização dos fatos e subtração da realidade.

Este fenômeno é um problema que tem se acentuado com o aumento do acesso à internet por meio das redes sociais e dos aplicativos de mensagens instantâneas (Nagumo; Teles; Silva 2022). Pela facilidade de compartilhamento, as notícias falsas podem ser compreendidas como um produto conveniente às grandes empresas, que possuem e fornecem serviços em plataformas digitais. Para Nagumo, Teles e Silva (2022), as redes sociais potencializam a polarização de ideais e acentuam problemas relacionados à desinformação.

A desinformação não é considerada um erro de produção e de divulgação de informações, mas uma forma de propagação de determinadas posições ideológicas, que pode afetar diretamente as estruturas da sociedade. Conforme aponta Silva (2022, p. 156), "espalhar desinformação não é muito diferente da propagação de uma infecção viral: primeiro de pessoa para pessoa, depois de grupo para grupo e, finalmente, a população de um país ou continente inteiro para outro".

Nesse sentido, "[...] Facebook, Twitter ou Instagram são capazes de lançar um 'modelo epidêmico', enquanto a mídia tradicional pode incorrer, por engano, ou para fortalecer uma mentira, ou ampliar a cobertura de notícias falsas" (Silva, 2022, p. 157). Ainda de acordo com o autor, a desinformação é estruturada para inspirar confiança no consumidor e afetar a sua opinião, decisões ou comportamento, de acordo com os objetivos pretendidos por quem cria a desinformação.

Para Demo (2000, p. 39), "desinformar faz parte da informação, assim como a sombra faz parte da luz. Trata-se do mesmo fenômeno, apenas com sinais inversos". A interpretação pode variar de acordo com o viés ideológico, o que leva a um (des)serviço. Enquanto fenômeno social, a desinformação afeta diretamente as estruturas da democracia.

Duarte (2022) considera que as coproduções da desinformação configuram visualidades de um pensamento hegemônico de grupos que estão no poder, por garantia de lucros financeiros, por objetivos políticos e pela busca por

disseminação ideológica. Um círculo vicioso de conveniências comerciais, negócios lucrativos e supremacia ideológica.

A base para a desinformação está associada à emoção e às crenças dos indivíduos em determinados assuntos. Por meio da utilização de pessoas com representatividade, busca-se persuadir e dar credibilidade a fatos produzidos para propagar alguma ideia e cegar a visão de mundo na sociedade. Outras estratégias de manipulação incluem, além deste processo de sedução, o discurso de dramatização e a exaltação de valores (Charaudeau, 2016).

A ideia principal é influenciar o maior número de pessoas em um curto espaço de tempo. Essa estratégia torna-se eficaz, conforme apontam Britto e Mello (2022), visto que muitos indivíduos já receberam alguma notícia falsa pelas plataformas digitais e afirmaram que nunca ou quase nunca checaram a procedência das informações compartilhadas.

Nesse âmbito, emergem as agências de checagem enquanto um novo ator no processo comunicacional. Na atual conjuntura, estas agências focam em verificar informações públicas, por um lado e por outro, em desmascarar fraudes virais. A ação de checagem ocorre depois da publicação da notícia e é "realizada sobre afirmações de relevância pública; baseia-se em informações de especialistas, acadêmicos e agências governamentais; [...] e resulta em uma conclusão julgando a veracidade da afirmação" (Unesco, 2019, p. 90).

O combate à desinformação passa pela formação de uma sociedade capaz de fazer uso crítico das informações. Conforme apontam Santos e Almeida (2020, p. 3): "[...] fatos objetivos têm menos influência na formação pública do que apelos à emoção e as crenças pessoais", o que leva à percepção da necessidade de ações educacionais que promovam a formação integral dos indivíduos.

Há quem entenda que fake news não é a expressão mais correta para classificar o fenômeno de desinformação que marca a internet hoje em dia (Meneses, 2018, p. 40). Cabe, portanto, a qualquer cidadão compreender que as fake news são inverdades, cuja intenção é a de manipular. Nesse sentido, Sousa (2008, p. 20) aponta que, historicamente, o jornalismo tem como pedra fundamental "[...] a preocupação pela fidelidade aos fatos, a intenção de verdade". Assim, ao utilizar formatos e características de notícias, vale-se do contrato cognitivo entre jornalista e sociedade (Motta, 2005) para dar aparência de verdade em informações falsas.

Dentro desse contexto, é necessário desenvolver a competência para julgar a veracidade da informação, discernir o impacto da divulgação da informação, pesquisar se a informação é verdadeira e identificar se a informação tem a intenção de causar danos. Gomes, Penna e Arroio (2020) entendem que o combate à desinformação, em especial o combate às fake news científicas, passa pelos letramentos midiático e informacional. Para os autores, esses letramentos são necessários para alcançar um "ensino de ciências mais contextualizado com as novas demandas para uma leitura de mundo mais consciente, tendo em vista a problematização dos discursos científicos" (p. 5).

Essa é uma visão alinhada com a proposta da Unesco (2019). A entidade defende que a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), ou seja, uma formação crítica e criativa no uso das mídias, possa ser um caminho para o combate à desinformação. Nesse sentido, a Unesco contribui com a publicação de manuais e guias nessa temática, tanto para cidadãos em geral quanto para jornalistas e estudantes de jornalismo. Um exemplo é a publicação Jornalismo, Fake News & Desinformação, que surge como "resposta ao problema decorrente da desinformação global que confronta as sociedades em geral e o jornalismo em particular" (Unesco, 2019, p. 7). A publicação está organizada em sete módulos de conteúdo, que visam servir como um exemplo de currículo para a área:

- Módulo 1: Verdade, confiança e jornalismo: por que é importante;
- Módulo 2: Reflexão sobre a "desordem da informação": formatos da informação incorreta, desinformação e má informação;
- Módulo 3: Transformação da indústria de notícias: tecnologia digital, redes sociais e disseminação da informação incorreta e desinformação;
- Módulo 4: Combate à desinformação e à informação incorreta por meio da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI);
- Módulo 5: Verificação dos fatos;
- Módulo 6: Verificação das redes sociais: avaliação de fontes e conteúdo visual;
- Módulo 7: Combate ao abuso online: quando jornalistas e suas fontes tornam-se alvos.

Os módulos 1 a 3 delimitam e contextualizam o problema da desinformação, enquanto os módulos 4 a 7 focam em respostas para o combate à desinformação. Com 129 páginas, a publicação inclui textos, ilustrações e infográficos que ajudam a explicar os conceitos abordados. Além disso, todos os módulos possuem tarefas sugeridas e indicações de leituras.

Nota-se, portanto, que a educação midiática passou a ter relevância fundamental no desenvolvimento da sociedade atual, como garantia do direito à cidadania, à liberdade e à democracia. A educação midiática é pré-requisito para a cidadania e direito fundamental em todo o sistema educacional (Buckingham, 2022). Ter uma visão mais ampla da importância na formação cidadã faz com que a educação midiática assuma o protagonismo na era digital, em que a informação é altamente mediatizada. Como prática de um cidadão crítico, a educação midiática possibilita o desenvolvimento de um olhar para a sociedade contemporânea.

A educação midiática, como proposta educativa de combate à desinformação, pode dar-se por meio da alfabetização midiática e informacional, levando a uma compreensão crítica das mídias (Unesco, 2019, p. 76):

> A AMI é um conceito abrangente usado pela UNESCO para enfatizar a inter-relação de competências quanto a informação em geral e a mídia em particular. Essas competências abrangem a conscientização dos direitos humanos (especialmente o direito à liberdade de expressão como o direito de cada pessoa de procurar, receber e transmitir informações e opiniões); alfabetização midiática (incluindo alfabetização sobre padrões jornalísticos e ética);

> alfabetização publicitária; alfabetização informática; compreensão da "economia da atenção"; alfabetização intercultural; conceito de privacidade etc. Inclui compreender como as comunicações interagem com a identidade individual e com os desenvolvimentos sociais.

A AMI propicia ao sujeito o desenvolvimento das competências necessárias à localização de informações; definição e articulação dos assuntos; organização e comunicação de ideias; compreensão e avaliação crítica das informações, entre outras. "Portanto, a AMI deve, em sua essência, dar aos indivíduos uma visão de sua própria identidade – quem são e quem estão se tornando e como isso afeta seu engajamento com notícias e outros tipos de comunicação" (Unesco, 2019, p. 76).

A sociedade contemporânea necessita de práticas educativas voltadas à educação midiática como promotora de cidadania entre crianças e jovens, em qual as ações e comportamentos pessoais podem repercutir nos convívios sociais (Buckingham, 2022). As competências midiáticas devem contribuir para o desenvolvimento da autonomia e do compromisso sociocultural, de maneira a desenvolver criticidade em relação à percepção de mensagens produzidas por outros e a divulgação das mensagens de autoria própria.

A escola e a universidade, enquanto espaços democráticos de ações, podem propiciar o fortalecimento do conhecimento midiático, como ferramenta para o entendimento do cenário social e a checagem de fatos como frente ao combate à desinformação. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional destaca que uma das funções da educação é a formação para o exercício da cidadania (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

Nesse sentido, foi desenvolvido o recurso educacional Os sete erros das Fake News, que busca contribuir no combate à desinformação, associando o jogo dos sete erros a elementos de identificação de notícias falsas.

Na próxima seção, descreve-se o recurso educacional e como ele foi aplicado em uma turma de Jornalismo de uma universidade comunitária no interior de São Paulo, bem como aspectos metodológicos da pesquisa em si.

Metodologia

Texto do artigo organizado em tópicos de acordo com a necessidade dos autores. O recurso educacional Os sete erros das Fake News está disponibilizado on-line e é acessado por meio de um link aberto. Semelhante ao jogo dos sete erros, o usuário deve avaliar a imagem apresentada e identificar sete itens que costumam caracterizar as informações falsas, conforme as instruções disponibilizadas na página inicial (Figura 1).

Figura 1 – Tela de início do recurso educacional Os sete erros das Fake News



Fonte: os autores.

Após clicar em início, o usuário é encaminhado para a tela principal do recurso educacional. Nessa tela, o usuário deve analisar uma imagem, que contém diversos elementos. Ao identificar um elemento que está associado à disseminação de notícias falsas, o usuário deve clicar sobre a imagem, conforme Figura 2.

Figura 2 – Tela principal do recurso educacional Os sete erros das Fake News



Fonte: os autores.

Após clicar em um elemento (ou seja, um "erro"), o feedback é dado automaticamente, explicando o porquê de esse item se relacionar à identificação da veracidade da informação veiculada. Esse momento é ilustrado na Figura 3.

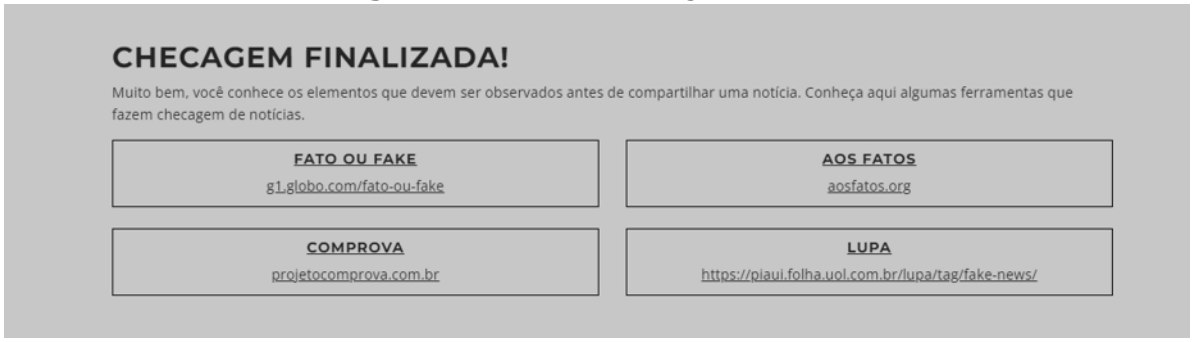
Figura 3 – Feedback do recurso educacional "Os sete erros das Fake News"



Fonte: os autores.

Depois de identificar os sete erros, o usuário chega na última tela, da checagem finalizada, na qual ele terá acesso a ferramentas de checagem de notícias gratuitas e on-line. Este passo está ilustrado na Figura 4.

Figura 4 – Tela da checagem finalizada



Fonte: os autores.

Esse recurso educacional foi aplicado com estudantes matriculados no componente curricular Análise crítica das mídias, do curso de Jornalismo de uma universidade comunitária no interior do estado de São Paulo. Foram aplicados dois questionários, em momentos distintos: antes de os estudantes acessarem o recurso educacional e participarem da ação didática planejada pelo docente e depois de acessá-lo.

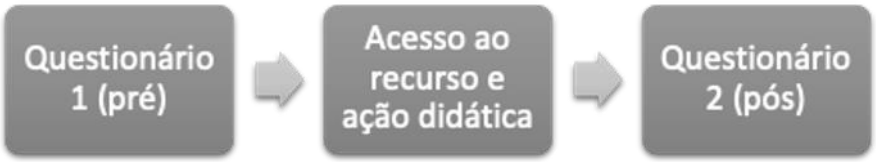
Ao se aplicar o questionário pode-se ter algumas vantagens, como o anonimato de quem está respondendo à pesquisa. É possível também atingir um número maior de respondentes. As perguntas do questionário devem ser simples e entendíveis para qualquer pessoa, além de objetivas, considerando o grau de conhecimento de quem irá responder o questionário (Lakatos; Marconi, 2017).

O questionário pode ser elaborado com perguntas abertas ou perguntas fechadas. No questionário com perguntas abertas, como o desta pesquisa, o

respondente tem a liberdade de criar as suas respostas de acordo com as suas vivências pessoais/profissionais. Como norma geral para ordenação das perguntas, adota-se a técnica do funil, segundo a qual cada questão deve relacionar-se com a questão antecedente e apresentar maior especificidade (Gil, 2008).

Conforme mencionado, o questionário desta pesquisa foi aplicado em dois momentos. Este processo está ilustrado na Figura 5.

Figura 5 – Processo de aplicação



Fonte: os autores.

No primeiro, antes que os estudantes acessassem o recurso educacional (considerado pré-teste) e participassem da ação didática planejada pelo docente, foram obtidas 37 respostas. No segundo, após os estudantes acessarem o recurso educacional (considerado pós-teste), foram obtidas 34 respostas. As respostas eram sempre espontâneas e não faziam parte da avaliação da disciplina.

No questionário de pré-teste, havia duas perguntas abertas:

1) O que são fake news?

2) Como diferenciar fake news de notícias sérias e concretas?

No questionário de pós-teste, havia seis perguntas abertas, sendo as duas primeiras iguais às perguntas do pré-teste, para verificação de mudança de compreensão:

1) O que são fake news?

2) Como diferenciar fake news de notícias sérias e corretas?

3) Qual o canal pelo qual você mais recebe fake news?

4) Você já chegou a acreditar em alguma?

5) Quando você recebe uma notícia falsa, qual a sua atitude?

6) Você aprendeu algo novo com o uso do recurso digital?

O procedimento de análise ocorreu por meio de interpretação das respostas ao questionário (dados qualitativos) e categorização dos principais pontos levantados.

Entre o pré-teste e o pós-teste foi realizada uma intervenção pelo professor responsável pela disciplina, contando com apresentação de características das informações falsas, discussão com relação ao recurso e debates. A intenção foi discutir o que caracteriza fake news e como identificar e combatê-la na sociedade contemporânea.

Resultados e discussão

No questionário de pré-teste, quando perguntados O que são fake news?, os estudantes, em sua maior parte, responderam de forma genérica notícias falsas, termo traduzido em sua forma literal para o português. Algumas respostas utilizaram, além do termo notícias falsas, verbos de ação negativa, como prejudicar e enganar. Por exemplo, as seguintes respostas: "São notícias criadas com o intuito de enganar ou prejudicar outras pessoas" ou "Notícias feitas com o intuito de enganar o leitor". Alguns estudantes comentaram sobre a semelhança com o texto jornalístico, como observado nas seguintes respostas: "Textos com estrutura de notícia com informações falsas" e "São informações falsas que são publicadas como se fossem notícias". Essas afirmações têm a ver com a necessidade de que as fake news se pareçam com notícias reais, se valendo do contrato cognitivo entre jornalismo e sociedade (Motta, 2005) para fins distintos da função jornalística em si.

Em relação à pergunta: Como diferenciar fake news de notícias sérias e concretas?, grande parte dos estudantes respondeu falando sobre a checagem da informação. São exemplos: "Checar a veracidade da informação, pesquisando sobre o assunto mais a fundo, suas fontes, se o assunto virou notícia em outros portais de notícias" ou "Checando as fontes, os fatos e conferindo os veículos que publicaram tal notícia". Alguns também citaram a necessidade de verificar as fontes e a credibilidade do veículo de informação: "Verificando a reputação do veículo que divulga a informação e pesquisando o assunto em outros meios de comunicação", "Consultando as informações em meios de comunicação confiáveis" e "Fontes de informação oficiais e/ou que se baseiam em fatos comprovados costuma ser a forma de melhor 'separação' entre o que se pode confiar ou não."

Pelas respostas do questionário de pré-teste observa-se que os estudantes já possuem um bom nível de letramento midiático, provavelmente por estarem em um curso de Jornalismo. Conforme estabelece a Unesco (2019), saber localizar informações, checar dados e verificar fontes são algumas das atitudes básicas de um cidadão com letramento midiático e que é capaz de analisar criticamente a informação que recebe. É por isso que a educação midiática, como defende Buckingham (2022), é tão urgente nas escolas, na formação de crianças e jovens. Sem ela, é provável que essa reflexão crítica fique restrita aos profissionais de comunicação.

Já no questionário de pós-teste, respondido após o acesso ao recurso educacional e à ação didática planejada pelo docente, as respostas à pergunta O que são fake news, novamente trouxeram o termo notícias falsas, mas com algumas outras palavras associadas, como manipulação, convencimento e negacionismo. Alguns exemplos: "São notícias construídas com informações falsas de modo que tenha o intuito de manipular um fato ou promover um conteúdo com inverdades", "São informações falsas compartilhadas em formato de notícias com o intuito de manipular a opinião pública" e "Notícias falsas - uma forma de distribuir desinformação e justificar negacionismo". Os excertos destacam o fator

manipulador das fake news, que existe basicamente com a intenção de persuadir ou reforçar crenças já existentes para um discurso determinado – o fator ideológico é sempre presente quando se discute a manipulação (Charaudeau, 2016).

Também havia respostas que buscavam desatrelar o uso de notícia junto com o adjetivo falsa, visto que a notícia deve nascer de um fato, ou seja, uma verdade: "Fake news, na tradução para o inglês, significa notícia falsa. Mas o compromisso da notícia é relatar a realidade como é, portanto, não pode ser falsa" e "Não são notícias. São textos com a fórmula de notícia - por muitas vezes, malfeita - para se propagar na internet com chamadas sensacionalistas". Mais uma vez, os respondentes se valem do contrato cognitivo, Motta (2005) para explicar essa desassociação dos termos.

Na segunda questão: Como diferenciar fake news de notícias sérias e concretas?, a checagem da informação foi novamente bastante mencionada. Dessa vez, além de fontes e credibilidade do veículo, os estudantes mencionaram outros elementos: "Verificar a fonte, a imagem, a data de publicação, os títulos e subtítulos, e outros veículos de informação" e "Atenção com a fonte, maneira de escrita (sem exclamações, interrogações ou até mesmo uso da fonte em caixa alta), verificar a data de publicação e sempre procurar outra fonte confiável".

Em uma comparação com o que os alunos afirmaram no questionário antes da ação didática versus depois, é possível verificar que os níveis de complexidade e detalhamento das respostas aumentaram. As respostas que antes eram simplificadas em expressões como notícias falsas ou algo com a intenção de prejudicar ou enganar foram aprofundadas com explicações sobre manipulação e negacionismo. Isso é relevante porque, para além do fenômeno em si, os alunos conseguiram destacar motivações e interesses subjacentes às fake news em si. O mesmo pode ser afirmado sobre a segunda questão. O que inicialmente ficou bastante resumido em argumentos como checagem, passou a ser acompanhado de outras ações que, com formação adequada, qualquer cidadão pode aplicar em seu dia a dia.

Na questão: Qual o canal pelo qual você mais recebe fake news?, os aplicativos de mensagens instantâneas, como WhatsApp e Telegram, foram, disparadamente, os mais citados. Depois, as redes sociais, como Facebook e Twitter. Essas respostas corroboram o indicado por Silva (2022, p. 156), porque segundo o autor, as redes sociais exercem um papel fundamental: "junto a distribuição de notícias falsas pela mídia, vem à tona um processo de compartilhamento pelos grandes grupos de pessoas".

Sobre a questão: Você já chegou a acreditar em alguma?, mais da metade respondeu que sim. Alguns fizeram ressalvas: "Antigamente, sem conhecer o que era uma fake news, sim!", "Em algum momento da vida sim, mas após começar com o curso de jornalismo eu sempre chequei muito do que eu lia". Necessário destacar que os respondentes são alunos do fim da graduação em Jornalismo, ou seja, eles já passaram por um percurso formativo que fornece a eles, em tese, competências midiáticas (Unesco, 2019).

Em relação à questão: Quando você recebe alguma notícia falsa, qual sua primeira atitude?, as respostas foram diversas, indo desde ignorar até denunciar. Algumas respostas deixaram claro a preocupação em alertar quem compartilhou a informação falsa, como por exemplo: "Se for de alguma pessoa conhecida, tento informá-la e indicando um site mais confiável", "Mandar o link da informação verídica para a pessoa que me encaminhou" e "Informar a pessoa e repassar uma checagem pra ela". Vale destacar, inclusive, que o papel dos jornalistas também como responsáveis pela educação midiática é um fator crescente: "Envolvendo-se em iniciativas de Alfabetização Midiática e Informacional, juntamente com Organizações Não Governamentais (ONGs) neste espaço, os meios de comunicação também estão desempenhando um papel na educação do público, mostrando que o jornalismo merece ser valorizado e protegido" (Unesco, 2019, p. 119).

Na questão: Você aprendeu algo novo com o uso do recurso digital?, os estudantes que deram respostas positivas à pergunta disseram que vão prestar mais atenção aos elementos que compõem a notícia, como a data de publicação: "Aprender a olhar melhor os portais de notícia e as datas de suas publicações, para ver se condiz com o momento que estamos" e "Sim. Observar a data mais cuidadosamente, coisa que às vezes acaba passando despercebido". Algumas respostas elogiavam o uso de um recurso digital para tratar sobre o tema: "Sempre aprendemos. Creio que o recurso fica mais interativo e participativo" e "O debate está interessante, estou adorando. O recurso digital facilita".

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar o uso de um recurso educacional com o tema fake news junto a uma turma do curso de Jornalismo em uma universidade comunitária no interior de São Paulo. O recurso foi utilizado como parte de uma estratégia didática de uma aula no componente curricular Análise crítica das mídias. A partir da aplicação de um questionário, antes da ação didática e outro depois, foi possível estabelecer categorias para análise dos conteúdos das respostas.

Inicialmente, cabe destacar que a estratégia didática foi voltada a alunos matriculados no último ano de Jornalismo, quando já se espera que eles tenham tido formações que os capacitem minimamente a uma competência midiática. Neste sentido, as respostas dadas ao primeiro questionário já vieram com definições corretas. Quando se compara, entretanto, com o segundo questionário, após a ação didática, é possível perceber mesmo nesse público um aprofundamento da concepção de fake news, suas intenções e como identificá-las. Isso denota que mesmo para públicos mais qualificados, o recurso amplia a compreensão do assunto.

Os resultados apresentados evidenciam que os profissionais de Jornalismo estão preparados para lidar de forma crítica com as informações que recebem. As estratégias citadas pelos estudantes, como checagem de fontes, data de

publicação, escrita do texto e credibilidade do veículo, são algumas das formas de se verificar a veracidade de uma informação – e algumas delas estão diretamente mencionadas no recurso utilizado. Essas estratégias podem ser replicadas por qualquer cidadão, desde que haja orientação e formação adequadas. Dessa forma, o recurso educacional aberto pode ser uma ferramenta eficaz no combate à desinformação, assim como outras estratégias que busquem multiplicar ações em Educação Midiática.

Nesse sentido, os estudantes da área e os futuros profissionais do campo da Comunicação tendem a ter facilidade de analisar criticamente as informações que recebem e checar sua veracidade. E pode-se depreender que a graduação é um fator decisório nessa clareza a respeito da análise das mídias e das informações recebidas.

Como indicativos para pesquisas futuras, cabe avaliar o uso do recurso – ou mesmo de outras iniciativas semelhantes – com o público em geral ou outros recortes populacionais. Uma vez que o recurso tem a potencialidade de ser utilizado por qualquer pessoa em qualquer lugar, sua abrangência pode ser mensurada de outras formas. Especialmente porque se trata de um material aberto, ou seja, que pode ser utilizado, remixado e adaptado a diferentes realidades, desde que citada a fonte.

Referências

BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de "fake news": Distinções, diagnóstico e reação. **Anais do XIX Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação**. 2018. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819. Acesso em: 12 jun. 2026.

BRITTO, D. M. C. de; MELLO, I. C. de. Ensino de Ciências na era da pós-verdade: Considerações acerca do discurso presente em fake news. **REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, v. 10, n. 1, e22002, 2022. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/13007. Acesso em: 12 jun. 2026.

BUCKINGHAM, D. **Manifesto pela educação midiática***.* São Paulo: Edições Sesc, 2022.

CHARAUDEAU, P. **A conquista da opinião pública:** Como o discurso manipula as escolhas políticas*.* São Paulo: Contexto, 2016.

DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação***,* v. 29, n. 2, p. 37-42, 2000. Disponível em: https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/885/920. Acesso em: 12 jun. 2026.

DUARTE, L. P. **Olhares para as visualidades e contra visualidades em rede emergentes:** A desinformação na pandemia do Covid-19 no Brasil. 2022.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, S. F.; PENNA, J. C. B. de O.; ARROIO, A. Fake news científicas: Percepção, persuasão e letramento. **Ciência & Educação***,* v. 26, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1516-1320200018

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEI nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 12 jun. 2026.

MENESES, J. P. Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news. ***Observatorio (OBS*)***, v. 12, n. 5, 2018. DOI: https://doi.org/10.15847/obsOBS12520181376

MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa jornalística. **Anais do 28º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf. Acesso em: 12 jun. 2026.

NAGUMO, E.; TELES, L. F.; SILVA, L. de A. Educação e desinformação: Letramento midiático, ciência e diálogo. **ETD - Educação Temática Digital,** v. 24, n. 1, p. 220-237, 2022. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8665292/28052. Acesso em: 12 jun. 2026.

SANTOS, P. C.; ALMEIDA, M. E. B. de. Educação e fake news: Construindo convergências. **Revista Exitus***,* v. 10, p. 1-31, 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/exitus/v10/2237-9460-exitus-10-e020057.pdf. Acesso em: 12 jun. 2026.

SILVA, F. C. C. da. A sociedade da desinformação. **Logeion: Filosofia da Informação***,* v. 9, n. 1, p. 143-161, 2022. DOI: https://doi.org/10.21728/logeion.2022v9n1.p143-161

SOUSA, J. P. Uma história breve do jornalismo no Ocidente*.* **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2008.

UNESCO. **Jornalismo, fake news e desinformação:** Manual para educação e treinamento em jornalismo*.* 2019. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647. Acesso em: 12 jun. 2026.

Recebido: 30/01/2026
Aprovado: 28/02/2026
Publicado: 26/06/2026

Contribuição de autoria:
Autor 1: Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração de projetos, Software, Supervisão, Validação, Escrita – rascunho original, Escrita – revisão e edição.
Autor 2: Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração de projetos, Software, Supervisão, Validação, Escrita – rascunho original, Escrita – revisão e edição.
Autor 3: Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração de projetos, Software, Supervisão, Validação, Escrita – rascunho original, Escrita – revisão e edição.

Editora responsável: Neide de Brito Cunha
Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

CC BY 4.0